

Léon Denis

O Progresso

A scenic sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, creating a bright orange and yellow glow that reflects on the water. A sailboat is visible on the left side of the water. In the background, there are silhouettes of mountains and a pier. The sky is filled with wispy clouds, some of which are illuminated by the setting sun.

CAPÍTULO III – O progresso político

O PROGRESSO – (CAPÍTULO III)

Índice

Assunto	Origem	Pagina
O Progresso Político	O Progresso	03
Socialismo e Espiritismo	O Consolador	05

O PROGRESSO – (CAPÍTULO III)

O progresso – Léon Denis Capítulo III – O Progresso Político

Examinemos a situação atual de nosso país, da França; examinemos, não como apologistas, não como admiradores, porém como homens nos quais, acima de suas opiniões, de suas tendências, acima de todas as coisas, paira a verdade.

Faremos esse exame colocando-nos em três pontos de vista sucessivos: político, social e religioso. Nós o faremos dispensando tudo quanto poderia ter um caráter polêmico e nos colocando num plano elevado, na esfera serena dos princípios.

Após ter tentado, durante meio século, todas as formas de governo monárquicas, após ter sido jogada numa multidão de aventuras comprometedoras, após ter derramado seu sangue sobre todos os campos de batalha da Europa para a consolidação de dinastias efêmeras, abandonada pelas nações, diminuída em seu território e na sua honra, a França se refugiou na república como em uma derradeira e suprema esperança, como a única forma de governo capaz de lhe dar o que ela deseja ardentemente: a paz e a liberdade!

A república democrática é a mais racional e a mais lógica forma de liberdade e só ela pode levantar, valorizar as almas que o despotismo humilhou. Só ela pode fazer a verdadeira igualdade entre os homens, sem rebaixar os grandes ao nível dos pequenos, porém dando aos pequenos os meios de se elevarem gradualmente ao nível dos grandes, pela instrução, pela liberdade de trabalho e de associação, pela uniformidade dos direitos.

O governo da república é a expressão da vontade nacional. O povo, reunido em seus comícios, nomeia seus representantes e estes elegem o chefe do poder. É, portanto, o povo que se governa a si próprio por meio do sufrágio universal. Cada cidadão participa da soberania. Uma nação republicana é um vasto organismo, um grande corpo, do qual cada eleitor é um membro.

Ela será, portanto, em geral, o que cada um de nós é em particular. O Estado social valerá o que nós valemos. Se nós somos retos, justos, esclarecidos, o Estado será grande; se somos pequenos, ignorantes e viciosos, o próprio Estado será frágil e miserável. Portanto, o progresso social só é possível com o progresso de cada um de nós.

Vede, cidadãos, quanto, com a república, nossa responsabilidade aumenta, pois a sorte de nosso país está em nossas mãos. Somos nós que, por nossas escolhas e nossos sufrágios, fazemos nossos destinos. Compreendei, agora, quanto é necessário que cada um de nós se esclareça e se aperfeiçoe, quando é necessário que o julgamento de todos se fortifique, porque, eu vos pergunto, que faríamos dos direitos e das liberdades, se não soubéssemos empregá-los com sabedoria, com discernimento?

Republicano significa quem se governa, quem se dirige por si mesmo em todas as esferas de suas atividades.

Esse título impõe a todos os que o adotam mais mérito, mais valor intelectual e moral. E, além disso, sondei a História e vereis que todos os governos, quaisquer que sejam, pereceram pela corrupção ou pela ignorância.

Os gregos e os romanos foram vencidos pelo luxo, pela indolência; foi após as orgias da regência que a aristocracia francesa perdeu seu prestígio; foi pela corrupção do orleanismo que a burguesia se amesquinhou.

Portanto, a república não pode viver, prosperar, engrandecer-se, sem que cada um de nós trabalhe sem cessar, para um futuro melhor, mais sábio, mais virtuoso.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO III)

Nossos antepassados da primeira revolução tinham razão para colocar a virtude como ordem do dia da pátria. Inspiremo-nos no exemplo desses republicanos austeros, desses grandes patriotas, cujo espírito de devotamento e de sacrifício deles fizeram eternos modelos para gerações do porvir. Com efeito, não basta combater o despotismo para fazer nascer a liberdade; não basta afastar a tirania do poder para implantar os costumes republicanos. Se o servilismo, a paixão e a noite permanecerem em nossas almas, nada teremos feito e o despotismo um dia renascerá. Entretanto nós, republicanos, que desejamos uma ordem social baseada na justiça e na liberdade, façamos inicialmente justos e virtuosos a nós mesmos, tornemos nossos corações livres, as razões esclarecidas, os costumes dignos, as consciências honestas e marchemos nós, em frente, sem fraquejar.

Não atingiremos a perfeição, sem dúvida, porém cada um de nossos passos para frente nos mostrará um ideal, uma ordem maior e mais harmoniosa; cada um de nossos esforços nos livrará de um mal, de uma paixão e de um erro. Contribuiremos, assim, para elevar a França e estabelecer a república definitiva, impedindo que a democracia caia no cesarismo.

Todavia, senhores, se devemos não abusar dessas coisas, devemos também nos alegrar diante de um grande exemplo que nosso país dá, nesse momento, à Europa. Se, após vinte anos de realeza burguesa, depois de vinte anos de império, os costumes republicanos, austeros e graves, não puderam se desenvolver espontaneamente em nós, devemos dizer, entretanto, que a França, amadurecida pelas provações do ano terrível, fortalecida pelo sofrimento, recolheu de suas instituições republicanas, embora ainda incompletas, um grande bem, uma nova força moral.

Se estendermos, nesse momento, nosso olhar sobre a Europa, ali veremos, realmente, um vento de guerra que passou sobre as nações. Soberanos belicosos e diplomatas astuciosos se preparam para a luta. Por toda parte alguém se arma, como na proximidade de um terrível choque.

Desperdiçam-se recursos, aguardando que o sangue corra; os povos sofrem e a miséria é profunda. Por toda parte surdos estrondos anunciam sangrentas revoltas. A Irlanda se agita, os socialistas alemães se preparam. Na Rússia os negativistas prosseguem sua obra sinistra, a Turquia agoniza e o Oriente inteiro se desconjunta.

Durante esse tempo o que faz a França? a França republicana trabalha, fortifica-se e se esclarece; reduz seus impostos e se cobre de escolas. A França quer nascer para uma nova vida, se desembaraça do vírus da Idade Média e torna-se laica. Põe-se em situação de resolver pacífica e gradualmente a questão social.

Bem armada, mas para a defesa e não para o ataque, ela deixa os déspotas se atirarem uns contra os outros.

Que ela persevere em sua política de paz e de justiça; que ela esqueça para sempre as funestas tradições de um passado cheio de lágrima e de sangue.

Que a França dos corsos morra! Que a França republicana viva para sempre! Que suas livres instituições se desenvolvam e cresçam. Que o espírito do Syllabus 2 dela se afaste; que seu povo se fortifique pelo trabalho e pelo estudo e então sua influência se estenderá de novo sobre o mundo.

As mesmas nações que a evitavam, que outrora a odiavam, porão nela sua esperança, no dia em que, no meio da miséria geral e dos conflitos armados, a França se mostre para a Europa como um poderoso exemplo do que pode fazer um grande povo em um regime de paz, de luz e de liberdade.

O PROGRESSO – (CAPÍTULO III)

Clássicos do Espiritismo

Nº 192 – 16/01/2011

O Consolador – (Angélica Reis)

I. O progresso Político

Socialismo e Espiritismo

92. Jamais no curso da História a solidariedade nas provações e no sofrimento se fez presente de maneira tão intensa. A cruel Grande Guerra abriu muitas almas e a dor se tornou como que uma promessa de renovação. A Terra se prepara para um período de transformação. A multidão imensa das vítimas da Guerra plana acima de nós. Ela não permanece inativa e trabalha de mil maneiras, com o auxílio dos Espíritos superiores, para multiplicar os laços que unem o céu à Terra. Correntes de força, de inspiração, de recursos fluídicos vertem do alto sobre a Humanidade. Uma revelação nova se difunde sobre todos os pontos do globo – revelação poderosa que levará a vida planetária para os horizontes mais esclarecidos da sabedoria e da luz divina. (Págs. 123 e 124)

93. Do ponto de vista da evolução encontramos-nos em uma esquina brusca após a qual será preciso reencontrar o caminho seguro. Toda sociedade é regida por princípios que, sob a ação do tempo, revestem aspectos novos. Os recentes movimentos políticos são provocados por seres reencarnados que já desempenharam um papel importante nas épocas revolucionárias, seja na França seja no estrangeiro. É preciso, no entanto, reconstituir o prestígio da França por meio de uma direção nova inspirada em um ideal superior. (Pág. 125)

94. Podemos prever que o Espiritismo, caminhando a par com a ciência, tornar-se-á, no futuro, a base das doutrinas religiosas chamadas a substituir os dogmas envelhecidos, que não mais respondem às necessidades da Humanidade em marcha. (Pág. 126)

95. Afirmando claramente alinhar-se entre os partidários do Socialismo, Léon Denis faz uma ressalva importante: não aceita o Socialismo sem a doutrina espiritualista, que o tempera, o dulcifica e lhe tira todo o caráter de áspera violência. “Reprovo o Socialismo materialista que só semeia o ódio entre os homens e, por conseguinte, permanece infecundo e destrutivo, como se pode ver na Rússia”, assevera Denis. “Sou evolucionista e não revolucionário.” (Pág. 126)

96. Um Espírito amigo lhe disse: “Vossa época tem uma grande importância. Vossos homens políticos em geral não veem senão o sentido prático e antes material, a razão e o interesse são seus guias, e aí está em grande parte o que constitui a política das esquerdas. Isso, porém, está longe de ser suficiente para assegurar a vida intelectual e moral de uma grande nação”. “É preciso chegar cedo ou tarde às doutrinas espiritualistas para dar a esta política toda a sua grandeza e o seu alcance.” No final da mensagem, o comunicante espiritual acrescentou: “Do Espaço, trabalha-se para dilatar as concepções do homem de direita e a moderar os impulsos dos extremistas. É preciso saber esperar sem muito otimismo e preparar na ordem e na razão a eclosão dos princípios novos”.(Págs. 126 a 128)

97. A 6 de maio de 1924 um outro Espírito escreveu-lhe: “Para que vossa Terra evolua e o homem possa alcançar um outro planeta, é preciso renunciar às ideias militaristas. Uma nova era psíquica se prepara para vós. Sugestões apropriadas irão se produzir e não haverá outra guerra nos próximos quatro anos”. A primeira medida a tomar, sugeriu o instrutor espiritual, será “reforçar o espírito laico e fazer penetrar na instrução este espírito de beleza que, dulcificando as disciplinas políticas, morais e científicas, criará um impulso para a espiritualidade que não deverá jamais se enfraquecer”. (Págs. 129 e 130)

98. A 11 de julho do mesmo ano um Espírito falou-lhe do papel da França e da Inglaterra, que poderiam, se quisessem, conjugar seus esforços para comprimir os círculos adversos. Fora preciso pouca coisa para isto, mas mesmo esse pouco era difícil de realizar. É que, segundo o

O PROGRESSO – (CAPÍTULO III)

comunicante espiritual, faltava sinceridade à fé inglesa e, na França, o ideal nacionalista não era suficiente. “O que nos impede de agir do Espaço – explicou o comunicante – é que forças postas aí suscitam controvérsias incessantes.” E acrescentou: “Três forças estão, pois, presentes: a força brutal alemã, o ideal incompleto francês, o egoísmo e a lógica puritana inglesa”. Do Alto, disse ele, desejar-se-ia que surgissem na França homens honestos, íntegros, com um ideal formado de amor pelo país e de justiça social. A França os possuía, mas em feixes separados. O ideal espírita deveria crescer, mas, antes que tal se desse, era preciso que a tempestade moral fosse acalmada.

(N.R.: A 2ª. Guerra Mundial teve início 15 anos depois dessa mensagem e sabe-se que a aventura alemã só foi possível por causa das incertezas e desconfianças que caracterizavam então os governos da França e da Inglaterra, as maiores potências da época.) (Págs. 132 e 133)

99. As mensagens referidas foram ditadas por Espíritos que haviam desempenhado um papel político importante quando de sua última jornada terrestre. Eram todos republicanos, do mesmo modo que Léon Denis, que entende que à República francesa faltava o ideal superior, a tradição moral que faz a grandeza e a dignidade das nações. Na sequência ele enaltece a democracia, o único sistema capaz de assegurar a pacificação e a aproximação entre os povos. E menciona então as duas mais antigas repúblicas do mundo: a Suíça e os Estados Unidos que, em suas obras fundamentais, se inspiraram em um ideal sagrado. “O pacto de Grutli e o dos imigrantes de May Flower uniam os contratantes em um laço federal sancionado por uma fé espiritualista e uma prece a Deus”, lembra Denis. (Págs. 133 e 134)

100. A França, disse ele, teve também horas de idealismo e de espiritualidade. A Declaração dos Direitos do Homem é um testemunho disso, mas ela parecia ter esquecido esse ideal superior que faz o prestígio das obras humanas. A Grande Guerra alterou em muito os caracteres e as consciências e desencadeou apetites, cobiças sem limites. Outrora conheciam-se duas maneiras de fazer face às necessidades: adquirir riquezas ou restringir as necessidades, procedendo com economia. Este último meio caiu, no entanto, em desuso. Quer-se possuir a todo preço. As necessidades se multiplicaram a ponto de tornar a luta pela vida mais áspera, mais tirânica, e o trabalho, a tarefa cotidiana, que se realizava outrora com alegria e bom humor, tornou-se para muitos uma contrariedade, um jugo que se suporta dificilmente. (Pág. 135)

101. Multiplicar as necessidades fictícias e atizar os desejos concorrem para a desgraça do ser, não apenas na Terra, mas também na vida do Espaço, porque os desejos do Espírito persistem nele e as privações fazem-se sentir no mundo espiritual, onde a matéria não tem mais império. A ausência das coisas que muito amamos torna-se, então, causa de sofrimento. (Pág. 135)

102. Para todos esses males, qual será então o remédio? Ele pode ser encontrado em uma renovação do espírito e do coração, ou seja, numa educação que explique ao homem o porquê de sua presença e de sua passagem sobre a Terra. Com efeito, de que serve ao homem conquistar os ares, as águas e todas as forças materiais, se ele não aprende a conhecer, a discernir as finalidades de sua vida? Se o remédio não está em tudo e na Ciência, ele virá pela prova, pois as causas amargas são as mais eficazes para o progresso e a depuração do ser. (Pág. 136)